Master Negative
Storage Number

OCI00047.13

O Touro azul encantado

Porto

1891

Reel: 47 Title: 13

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCl00047.13

Control Number: BGO-1556
OCLC Number : 25142008
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 14
Title : O Touro azul encantado : conto fantastico / imitado por A.C.
Imprint : Porto : Lello & Irmão, 1891.
Format : 15 p. ; 25 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.
Added Entry : A. C.

O TOURO
AZUL
ENCANTADO

CONTO FANTASTICO

IMITADO POR A. C.



PORTO
LIVRARIA DE JOSÉ PINTO DE SOUZA LELLO & IRMÃO—EDITORES
18, Rua do Almada, 20

1891.

O TOURO AZUL

CAPITULO I

DE COMO A PRINCEZA KARINA PERDEU A RAINHA SUA MÃE, E A MADRASTA A MANDOU GUARDAR GADO

Era uma vez um rei e uma rainha, senhores de um reino muito grande, que se amavam, passados annos, tão extremosamente como no primeiro dia dos seus amores.

Tinham aquelles felizes e reaes esposos uma filha chamada Karina, bella como um dia de primavera, quando tem o ar tepido e o sol radiante.

A rainha, quando menos se esperava, morreu; e como o rei sentia a necessidade de amar ainda, casou-se depressa.

O viuvo desposou uma viuva, princeza muito formosa, que, como elle, tinha tambem uma filha de nome Callixta, a qual era tão feia e má, quanto Karina era formosa e boa; e por isso a mãe e a filha tiveram ciumes e muita inveja de Karina; comtudo não ousavam atormental-a na presença do rei, seu pae.

Um dia, porém, alguns mezes depois do seu casamento, viu-se aquelle monarcha obrigado a deixar os seus dominios para ir á guerra; e a rainha, aproveitando-se da sua ausencia, começou logo a perseguir a joven princeza, da qual era madrasta. Karina, que era filha de um rei, foi tratada como a ultima das servas: davam-lhe muito trabalho e pouco alimento, castigo até: tudo o que se póde soffrer, excepto a morte.

Mas o que é certo, é que quanto mais affligida era a princeza, mais bella apparecia sempre.

D'isto não se podiam consolar nem a rainha nem a filha, mordidas sempre da inveja que lhe tinham.

Emfim, a rainha, para se desembaraçar da presença de Karina, e obstar a que ella fosse pretendida por algum principe, mandou-a para uma campina, e fel-a pastora.

Isto, porém, era no tempo em que os animaes fallavam, havendo tambem então no mundo muitas fadas e encantadores.

CAPITULO II

DE COMO A PRINCEZA KARINA TOMOU CONHECIMENTO COM O TOURO AZUL, QUE A PATROCINOU

Tocou por sorte á princeza Karina ter de guardar bois, entre os quaes alguns eram bravos.

Mas na manada de bois, que a princeza guardava, havia um touro, soberbo animal e o mais bonito de todos.

O olhar d'elle era meigo, cousa rarissima em um touro, as pontas finas e luzidias, e o pello tinha a côr do azul-celeste.

Os pastores chamavam-lhe o *Touro azul*, porque era o orgulho d'elles e a gloria d'aquelles campos.

Muitas vezes o touro azul vinha para junto de Karina, e ajoelhava, um pouco pesadamente, porque um touro faz o que póde, e reclinava-se na relva florida. Quando a princeza lhe passava a mão pela cabeça, elle era, sem dúvida, o mais feliz dos touros.

Um dia, em que estava Karina assentada á somba de um salgueiro, e chorava, o touro approximou-se d'ella, e disse-lhe:

—Por que choras, formosa Karina?

A princeza não respondeu, mas chorou ainda mais.

—Conheço o teu pesar, pobre Karina—continuou o touro azul.

—Choras, porque tua madrasta é cruel; castigam-te e tens fome.

Karina envergonhou-se e fez-se muito córada, por vêr que tão bem lhe adivinhavam os seus pensamentos. Terminaram os soluços da dôr e ella olhou para o touro.

—Não te inquietes, — disse este, — não te faltará mais nada. Olha para a minha orelha esquerda: que vez dentro d'ella?

— Uma cousa, que parece um guardanapo.

— Pois é uma grande toalha. Tira-a, e quando tiveres fome estende-a na relva, e logo apparecerá a meza posta.

Karina, que tinha sempre fome, quiz experimentar immediatamente se assim era. Estendeu a toalha, e logo mãos invisiveis lhe serviram um delicioso banquete, composto de appetitosas viandas, saborosos peixes e deliciosas fructas, tendo para bebida o aromatico vinho moscatel, servido em uma taça de ouro.

A princeza jantou bem; e como em todos os dias renovava a experiencia, recuperou depressa as perdidas forças, e com ellas a frescura da belleza.

As suas faces tornaram-se rosas abertas sobre a neve.

A rainha e a filha, no entanto, mordiam-se de inveja, por verem Karina cada vez mais bella, quando esperavam vêl-a morrer á fome.

Espiaram-lhe os passos nos campos e nos bosques. O espião, escondido atraz de uma moita de azevinho, viu tirar a toalha do ouvido do touro azul, e em seguida a meza servida diante d'ella.

Avisou a rainha, que não pôde vingar-se do touro azul e da princeza, porque recebeu a noticia da volta do rei, e por isso chamou a toda a pressa Karina, afim de estar no palacio quando elle chegasse.

CAPITULO III

DA VINDA DO REI E DAS FESTAS QUE HOUVE, E DE COMO A RAINHA QUIZ UM BIFE DA CARNE DO TOURO AZUL, QUE FUGIU COM A PRINCEZA

O rei voltou á capital victorioso e com muitas riquezas. Houve grandes festas em todo o reino e no palacio. Karina, mais que todos, sentia-se feliz com a volta de seu pae. A rainha, que não podia maltratal-a diante d'elle, quiz vingar-se do touro azul.

Um dia a rainha fingiu-se doente, e o seu medico, seduzido por uma boa somma, declarou que ella não recobraria a saude, se não comesse um bife de carne de um touro azul.

Em todo aquelle grande reino não havia mais que um touro azul, unico protector e amigo da infeliz princeza.

Grande foi a admiração de todos, e maior a dôr de Karina quando se divulgou esta noticia. A princeza não teve animo de dizer nada ao rei, com receio de magoar o seu bom coração; porém, ao dar a meia noite, deixou furtivamente o quarto, abriu a porta do palacio, e largando a correr pelos campos fóra, chegou por fim, depois de muitas fadigas, ao curral, acariciou meigamente o touro azul, sentou-se junto d'elle, beijou-lhe a cabeça e chorou.

—Por que choras?—perguntou o touro azul.

—Porque te querem matar.

—Já sei.

—Já sabes!?—murmurou Karina, admirada.

—Sim, já sei. Mas o que tu não sabes é que depois de me matarem, hão de fazer-te o mesmo. O rei é bom mas muito fraco.

A princeza, ouvindo isto, horrorisou-se e começou a tremer com mêdo.

—Ha só um meio de evitarmos a morte—disse o touro azul. —Queres fugir commigo?

Karina achou difficil e custoso deixar o pae; mas como era joven, amava a vida e temia a morte.

—Pois bem, fujamos!—disse ella de repente.

Em seguida a princeza desatou a corda que prendia o touro, e este disse-lhe que subisse sobre elle, o que ella fez; e depois

de estar assente e segura, partiram ambos por aquelles montes e valles fóra.

No dia seguinte ninguem mais viu o touro azul nem a princeza. Tocaram a rebate, e foram enviados muitos soldados a pé e a cavallo pelos campos e montanhas em procura da princeza e do touro azul; em seguida mandaram postilhões pelas quatro partes do mundo, e todos voltaram sem terem podido descobrir o menor vestigio dos fugitivos!

CAPITULO IV

DE COMO O TOURO AZUL ATRAVESSOU UM BOSQUE DE ARVORES DE COBRE, E TEVE UM COMBATE COM O FEITICEIRO DE TRES CABEÇAS POR CAUSA DA PRINCEZA

Emquanto procuravam por toda a parte os fugitivos, sem os encontrarem nem terem noticias d'elles, atravessava o touro azul, levando sempre a princeza sobre si, paizes estranhos, em que Karina nunca tinha ouvido fallar, até que por fim acharam-se na entrada de um bosque, cujas arvores eram de cobre. Troncos, ramos, folhas, e fructos, tudo era de cobre puro.

—Antes de penetrar n'este bosque—disse o touro á princeza —previno-te que, se tiras uma só folha, estamos perdidos. Este bosque pertence a um feiticeiro com tres cabeças, ciumento e proprietario feroz. Pune com a morte o menor attentado aos seus dominios.

—Fica tranquillo.—disse Karina—que não tocarei em nada.

E ambos iam com toda a precaução: a princeza abaixando a cabeça, inclinando-se e desviando os ramos com as mãos. Mas o bosque tornou-se tão fechado que não se podia avançar. Apesar de todas as precauções, Karina, sem querer, arrancou uma folha que lhe ficou na mão.

—Ah! desgraçada, que fizeste?—disse o touro.—O feiticeiro vae tornar-se furioso e terrivel. E' preciso combater pela tua vida. Mas, visto que arrancaste a folha guarda-a no bolso.

Assim caminharam um bom espaço socegadamente sem outro accidente, por entre aquella espessura do bosque; mas no momento em que iam a chegar ao lado opposto, appareceu-lhes o feiticeiro de tres cabeças com os olhos chammejantes de cólera:

—Eu quero saber—disse elle irado e com voz de trovão—quem arrancou uma folha do meu bosque?

—É tanto teu como meu—replicou-lhe o touro azul.

—É o que vamos vêr—disse o feiticeiro, preparando-se para o combate.

O touro azul fez outro tanto, dizendo á princeza que saltasse em terra, e em seguida os dois campeões começaram um combate que durou um dia inteiro.

Por fim o touro azul matou o feiticeiro de tres cabeças, que ficou no campo do combate.

Mas tambem o touro não foi tão feliz que não ficasse morto de fadiga, coberto de suor e deitando sangue por vinte feridas. Comtudo ainda pôde levantar a cabeça volumosa, e olhando docemente para Karina, que chorava:

—Vês—disse elle—essa caixinha, que pende da cinta do feiticeiro?

—Vejo—disse ella.

—Pois está cheia de balsamo; tira-a e derrama esse balsamo nas minhas feridas.

A princeza assim o fez, e o effeito do balsamo foi maravilhoso.

No dia seguinte, depois da princeza estar assentada sobre o touro azul, continuaram o seu caminho.

CAPITULO V

DE COMO O TOURO AZUL ATRAVESSOU UM BOSQUE DE ARVORES DE PRATA, E OUTRO DE ARVORES DE OURO, E BATALHOU COM UM FEITICEIRO DE SEIS E OUTRO DE NOVE CABEÇAS POR CAUSA DA PRINCEZA

Depois do touro azul estar curado das feridas, que recebeu do feiticeiro de tres cabeças, saíu do bosque das arvores de cobre com a princeza Karina, e tendo caminhado alguns dias, encontraram uma outra floresta. Esta era toda formada de arvores de prata.

O touro fez a Karina a mesma recommendação que lhe fizera quando entraram no bosque das arvores de cobre.

—Não toques em nada. A floresta pertence a um feiticeiro de seis cabeças, e eu posso não ser feliz com este como fui com o outro.

—Fica tranquillo,—disse Karina—que hei de ter o maior cuidado.

A floresta serrou-se logo. Um galho bateu nos olhos da princeza; e querendo ella desvial-o, arrancou uma folha.

—Tu queres a nossa morte?...—disse o bom do touro—É preciso agora combater com o feiticeiro de seis cabeças... Não importa, combaterei e tu guarda a folha que tens.

O feiticeiro appareceu logo terrivel; Karina apeou-se, e a batalha começou, durante tres dias. O touro varou-o com as pontas e matou-o; porém caíu, sem movimento e quasi sem vida, junto do vencido.

O feiticeiro de seis cabeças, que estava morto, tambem trazia comsigo um balsamo, com o qual a princeza deu no touro umas fricções, que o reanimaram e lhe sararam as feridas.

No fim de uma semana continuaram o seu caminho. O touro, porém, soffria ainda muito.

—Sou joven,—disse Karina—o meu passo é ligeiro, e o andar a pé far-me-ha bem; deixa-me andar.

E ia colhendo punhados de hervas frescas, que dava ao touro; mas este obrigou-a a montal-o de novo.

Andaram muito tempo, e Karina já nem sabia aonde estava.

Chegaram por fim á entrada de uma nova e grande floresta, que era de arvores de ouro.

Karina nunca tinha visto uma cousa tão bonita: o cimo das arvores brilhava aos raios do sol: os grandes troncos alumiavam o bosque com seu brilho, e das folhas, que o vento agitava com um sussurrosinho sêco, caía sobre a terra um orvalho de gottas de ouro.

Debalde recommendou o touro a Karina que não tocasse em cousa alguma d'aquelle bosque encantador: ao cabo de alguns minutos ficou-lhe d'esta vez uma maçã de ouro na mão. Surgiu então um feiticeiro de nove cabeças, que o touro ainda venceu mas só depois de oito dias de sanguinolenta batalha. O touro, porém, recebeu tantas e tão profundas feridas, que ficou doente um mez inteiro, sendo sempre tratado com muito carinho pela princeza, a qual todos os dias lhe curava as feridas com o balsamo que encontrára na cinta do feiticeiro, que não se pôde aproveitar d'elle, porque o touro azul não lhe deu tempo para isso.

CAPITULO VI

DE COMO, AVISTANDO UM CASTELLO, O TOURO AZUL PEDIU Á PRINCEZA QUE O DEGOLASSE, E ELLA ASSIM O FEZ, CHORANDO MUITO

Depois do touro azul ter estado doente um mez inteiro, por causa das feridas que recebeu na batalha com o feiticeiro de nove cabeças, que guardava o bosque de arvores de ouro, sentindo-se com forças para a jornada, disse á princeza Karina que subisse acima d'elle, e continuando o seu caminho, atravessaram regiões aridas e terras ermas, subindo montanhas, cujos cimos eram de gêlo e as encostas tudo neve.

De repente toparam com um penedo de enorme altura e comprimento, que lhes impediu o caminho.

—Não vês alguma cousa?—perguntou o touro á princeza.

—Vejo o céo e horriveis precipicios.

Vamos para diante —disse elle.

E trepou ao rochedo.

—E agora que é o que avistas?

—Ah! lá... lá... longe, muito longe, avisto um castello pequenino.

—Não é tão pequenino como te parece—disse o touro.—Parece-te assim, porque está ainda muito longe.

E continuou resolutamente o seu caminho até que chegaram perto de uma alameda, cuja entrada era uma abobada formada por grandes rochedos.

Agora vejo bem o castello, — disse Karina — está perto e é muito grande.

—É lá que tu vaes,—disse o touro—desce; volta-te para a direita, e verás um vestido feito de tecido de madeira; veste-o por cima do teu vestido. No palacio hão de perguntar-te o teu nome, que lhes dirás, mas não que és filha de um rei, nem que vieste com o touro azul, e o que nos succedeu pelo caminho.

— E tu — disse Karina — para onde vaes e que fazes de ti?

— Vaes vêr; péga na tua faca e corta-me a cabeça.

Karina fez um gesto de horror, e deu um grande grito.

— Vamos! — disse o touro a Karina — quando a faca corta bem não faz mal a ninguem.

Karina estava muito trémula e pallida mas vendo a insistencia do touro azul, preparou a faca.

— Assim que me cortares a cabeça—disse o touro—has de esquartejar-me, tirando-me antes a pelle, na qual embrulharás a folha de cobre, a de prata e a maçã de ouro. Depois enterrarás tudo junto d'aquelle rochedo, perto do qual haverá um cajado: quando tiveres necessidade de qualquer cousa vem aqui, péga no cajado e bate com elle no rochedo. Está dito, avia-te e faze quanto te disse.

Karina não se mexia, porque sentia grande repugnancia em cortar a cabeça ao seu amigo. O touro insistiu, asseverando-lhe que era o unico beneficio que lhe podia fazer para lhe provar a sua gratidão.

Karina, vendo que aquillo que o touro lhe pedia era cousa muito do seu gosto, não quiz recuzar-lhe um favor tão pequeno, e chorando muito pelo touro azul, cortou-lhe a cabeça tão facilmente como uma camponeza corta o talo de um cravo.

Quando acabou de executar as ordens do touro, sentiu que lhe faltava o animo, e pôz-se de novamente a chorar. Depois de se affligir muito, fez como todas as mulheres, consolou-se um pouco, e em seguida vestiu o roupão e foi até ao castello.

CAPITULO VII

DE COMO A PRINCEZA CHEGANDO AO CASTELLO, FICOU N'ELLE COMO CREADA DE SERVIR, E FOI Á MISSA COM UM VESTIDO ENFEITADO COM BORDADOS DE COBRE

A princeza Karina, partindo do rochedo, ao pé do qual tinha enterrado a pelle do touro azul, chegou depressa ao castello que era perto d'alli; e assim que bateu á porta, foi-lhe logo

aberta, dizendo-lhe o guarda-portão que fosse para a cozinha, que era muito grande e asseiada.

Entrou na cozinha, e pediu que lhe dessem algum serviço.

— Serviço terás tu — disse o cozinheiro — se quizeres limpar o palacio e ter tudo asseiado aqui; mas previno-te que o osso é duro de roer; aquella que se encarregava d'isso foi-se agora embora, e provavelmente tu farás o mesmo.

— Não irei, — disse Karina — porque sou boa para o trabalho, e farei o meu dever.

E Karina ficou no palacio lavando, esfregando e limpando; podia vêr-se no soalho como em um espelho de Veneza.

No domingo seguinte esperavam-se visitas no castello.

— Eu quero levar agua ao quarto do principe — disse Karina para os outros creados.

Elles todos receberam-lhe o pedido com gargalhadas de mofa.

— E que queres tu ao principe? — perguntaram-lhe elles — Pois tu pensas que o principe olhará para ti, sendo tu como és?

Ella insistiu tanto, que a deixaram ir; porém a pobresinha fez tanto barulho ao subir as escadas, que o principe saíu do aposento.

— Que diabo de creatura é esta? — disse elle, olhando desdenhosamente para Karina.

— Principe, eu sou a pobre Karina, vossa serva, que vem trazer-vos agua.

— Eu não quero saber da tua agua! — disse o principe com desabrimento.

E, tirando-lhe o jarro das mãos, deu-lhe com elle na cabeça. O principe não era muito polido.

Karina, cabisbaixa e muito envergonhada, desceu a escada. Mas, como era muito religiosa, recordou-se que era domingo, e pediu licença para ir á igreja, o que lhe não poderam recusar; antes d'isso, porém, foi primeiro á collina, ao logar onde tinha enterrado a folha de cobre, e de prata e a maçã de ouro embrulhadas na pelle do touro azul. Pegou no cajado, e bateu com elle no rochedo, o qual, de repente, se entreabriu, e appareceu um homem.

— Que me queres tu? — perguntou elle á princeza.

Karina pareceu-lhe reconhecer n'aquella voz a do touro azul.

— Queria ir á missa, e não tenho vestido.

— Toma: ahi o tens.

E no mesmo instante o homem do rochedo deu-lhe um vestuario completo, todo enfeitado com bordados de cobre. A princeza toda maravilhada, olhou em volta de si e viu a seu lado um cavallo, cujos arreios, freio, redeas, estribo e sellim eram ornados com o mesmo metal.

Karina, tomando as redeas, montou no cavallo e foi á igreja.

Tinha tal brilho a sua belleza, que todo o mundo se admirava d'ella, preguntando uns aos outros quem era.

Quanto ao principe, esse sentiu-se de tal modo enfeitiçado pela bella desconhecida, que não podia tirar os olhos d'ella.

Quando Karina saíu da igreja, deixou cair uma das luvas. O principe, que a acompanhava, apanhou-a; e como ella se preparasse para montar:

—Quem sois?—perguntou elle.

—Eu sou do paiz do jarro d'agua! A luz vae na minha frente, para guiar os meus passos; e atraz de mim seguem-me as trevas, para protegerem a minha fuga!

E desappareceu, deixando a luva nas mãos do principe. Este, que nunca tinha visto uma luva tão pequenina, procurou por toda a parte sem achar a mão a quem pertencia. No castello ninguem desconfiou que fosse Karina.

CAPITULO VIII

DE COMO KARINA FOI Á MISSA COM UM VESTIDO DE PRATA E DO MAIS QUE SE PASSOU

Passaram-se bastantes dias no castello sem succeder nada á princeza, mas fallando-se muito na formosa desconhecida que estivera na missa com um vestido tão brilhante.

Chegou, porém, o domingo seguinte, e o principe teve necessidade de uma toalha.

— Eu vou levar-lh'a—disse Karina.

—Vaes? pois olha que te recebe tão bem como te recebeu com a agua.

—É o mesmo; dèem-me a toalha.

A princeza pegou na toalha e subiu a escada; mas fez tanto barulho, que o principe, impaciente, veio até á porta do quarto: e, quando viu Karina, tirou-lhe das mãos a toalha, que atirou ao chão, dizendo:

—Pois tu julgas, feia e desastrada creatura, que eu havia de querer, para limpar o macio rosto e delicadas mãos, uma toalha que os teus dedos sujos tivessem tocado e manchado?

E deu-lhe um empurrão, que por pouco não a deitou pela escada abaixo.

Karina voltou para a cozinha, vergonhosa, e chorando. E toda a criadagem lhe disse:

—Para que foste lá? É bem feito, para teres juizo.

O principe foi n'aquelle dia á igreja.

Depois que o principe saíu, disse Karina ao mordomo do castello:

—Eu queria ir ao officio divino.

—Com essa cara? Não vale a pena. Ninguem vae á igreja com esse traje. Toma conta da casa.

—Ah!—disse a pobre princeza—o prégador é muito instruido e dá-me muita consolação ouvil-o.

—Pois então vae.

Karina foi, não á igreja logo, mas ao seu rochedo.

Pegou no cajado, bateu, e appareceu-lhe o mesmo homem, que lhe offereceu um vestuario mais rico que o primeiro: era de prata tão brilhante como os raios da lua.

Um magnifico cavallo mordia o freio de prata. A cabeçada, as rédeas, o estribo e o sellim estavam primorosamente ornados de bordados de prata.

Quando chegou á porta da igreja, todos se admiraram, e o principe veio logo para ajudal-a a apear-se; mas ella saltou ligeiramente em terra sem aceitar a mão. O cavallo, que era muito docil, estendeu as pernas e abaixou-se até que o estribo tocou quasi na terra.

Todos entraram na igreja, e ninguem escutou o sermão, porque a princeza attrahia todas as attenções.

Entretanto o amor augmentava cada vez mais no coração do principe, e no momento em que Karina quiz saír, elle correu para junto d'ella e perguntou-lhe:

—D'onde sois, formosa desconhecida?

—Sou do paiz das toalhas!—respondeu ella.

E deixou caír o chicotinho.

O principe abaixou-se para apanhal-o, e depois offereceu-lh'o, porém ella não o aceitou e disse-lhe:

—Adiante de mim vae a luz para guiar os meus passos; atraz seguem-me as trevas para occultar o meu caminho.

E desappareceu como um relampago.

Todos ficaram admirados da bella desconhecida e do seu proceder.

O principe esquadrinhou por toda a parte onde seria o paiz das toalhas, mas não o achou, nem quem lhe désse os menores vestigios de Karina. Ninguem sabia nem deu noticia de tão bella e mysteriosa creatura.

CAPITULO IX

DE COMO A PRINCEZA FOI NO TERCEIRO DOMINGO Á MISSA COM UM VESTIDO DE OURO, QUE MARAVILHOU A TODOS, E DEIXOU UM SAPATINHO DE OURO AO PRINCIPE.

No castello só se fallava na formosa desconhecida, e até perguntaram a Karina se a tinha visto.

Ella, porém, respondeu-lhes que quando ia á missa era para rezar, e não por causa de formosas, nem dos seus vestidos brilhantes.

E em conversas e contos maravilhosos se passaram muitos dias no castello, onde no terceiro domingo o principe quiz um pente.

—Eu vou leval-o—disse Karina.

—Recorda-te como elle te tem recebido das outras vezes—lhe replicaram os creados.

—Irei ainda uma vez—insistiu a princeza.

A terceira tentativa não foi mais feliz do que as duas primeiras, e d'esta vez ainda a pobre Karina foi vergonhosamente expulsa pelo principe, que cada vez parecia mais irado contra ella.

O principe, que era muito religioso quando não estava zangado, foi á igreja, e Karina obteve licença para ir tambem.

O magico do rochedo dispôz as cousas por modo ainda mais maravilhoso do que o tinha feito até alli. Deu á princeza um vestido de ouro todo recamado de diamantes; o sellim e mais arreios do cavallo eram todos marchetados e enriquecidos de brilhantes, perolas e rubis, e o freio era de puro ouro.

Quando Karina se approximou da igreja, o prégador desceu do pulpito, e com todo o seu povo foi recebel-a á porta.

O principe offereceu-lhe ainda a mão para apear-se, mas ella não acceitou.

Entraram na igreja, e o prégador subiu ao pulpito, mas ninguem soube o que elle disse n'esse dia, e talvez elle mesmo o não soubesse; em todo o caso ninguem o escutou. Todos os olhos se voltaram e fixaram para o lado de Karina.

O principe não via outra cousa que não fosse ella!

Quando terminou o officio, o principe mandou derramar uma barrica de alcatrão, para ter occasião de ajudal-a a vencer este obstaculo; Karina, porém, não reparou n'isso, pôz o pé bem no meio do alcatrão, e passou, deixando apenas um dos seus sapatinhos de ouro.

—Quem sois, e de que paiz vindes?—perguntou o principe, vendo-a montar a cavallo.

—Eu sou do paiz dos pentes—respondeu ella.

O principe pretendia calçar-lhe o sapatinho, porém ella disse-lhe como das outras vezes :

—Diante de mim vae a luz para guiar os meus passos, e atraz seguem as trevas para protegerem a minha fuga.

E desappareceu com a rapidez do pensamento.

O pobre principe, mais captivo que nunca, largou por esse mundo além em procura do paiz dos pentes, mas ninguem lh'o soube indicar.

De volta ao seu estado, mandou annunciar, ao som de trombetas e tambores, que desposaria a joven que podesse calçar o sapatinho de ouro.

De todos os paizes vieram jovens, velhas, bonitas e feias, mas o sapato a ninguem servia.

Finalmente, a madrasta de Karina tambem veio com sua fi-

lha Callixta. A joven calçou o sapatinho, e todos viram, com grande admiração, que o pé da princeza entrára no sapatinho de ouro!

—Viva a princeza!—gritaram os cortezãos.

CAPITULO X

DE COMO O PRINCIPE, ESTANDO PARA CASAR COM A PRINCEZA CALLIXTA, SOUBE QUE O SAPATINHO DE OURO ERA DE KARINA, E CASOU COM ELLA

Apesar dos vivas que os cortezãos deram á princeza Callixta, quando lhe viram calçar o sapatinho de ouro, o principe ficou muito descontente, porque esta em nada se parecia com a formosa desconhecida.

Callixta era tão feia, que o principe não se apressou em cumprir a sua palavra.

E foi por isso que os preparativos para o casamento se fizeram muito vagarosamente. A final fixou-se o dia, e enfeitou-se a noiva com todas as joias da corôa.

O principe, acompanhado da sua futura esposa, e seguido de toda a côrte, tomou o caminho da igreja, onde por trez vezes tinha visto a sua bella desconhecida.

Os cortezãos, a quem nada escapa, notaram entre si que o principe, seu senhor, estava pensativo e triste.

De repente pararam o principe e o cortejo. Empoleirado no ultimo ramo de um pinheiro estava um pintarroxo, que cantava assim:

Pobre dedo! Pobre calcanhar! Está cheio de sangue o sapatinho de Karina. O sapatinho de ouro está incommodando a noiva!

Olharam logo para o pé da princeza, e viram que o passarinho cantava a verdade.

O sapatinho parecia suar sangue.

Foi preciso voltar para o palacio; descalçaram a princeza, e o sapatinho ficou á espera de outro pé que lhe servisse.

— Onde está essa Karina? — disse o principe — é preciso que ella venha experimentar este sapato.

— Oh! é inutil — disseram-lhe os creados — ella é creada do castello, e tem o pé tão grande como o de um homem.

— Não importa, — retorquiu o principe — é preciso que ella faça como as outras.

Foram chamar Karina, que subiu a toda a pressa ao quarto do principe, arrastando o seu vestido de tecido de madeira pelos degráus.

— Vamos — disse o principe, rindo — calça o sapato e torna-te princeza.

Pozeram-se todos a rir como o principe.

Porém Karina, sem fazer caso das chocarrices dos cortezãos, e sem esforço algum, introduziu o seu delicado pé no sapatinho de ouro; no mesmo instante caiu o vestido de madeira desfeito em mil pedaços, e Karina appareceu com todo o brilho da sua belleza e com todo o esplendor do seu vestuario de fada. O pé estava calçado com o sapatinho de ouro que faltava.

O principe reconheceu aquella que elle amava, e amou-a muito; e, como era absoluto, desposou-a logo.

Na noite do noivado um pintarroxo batia com as azas e o bico na vidraça do quarto nupcial. Karina, entreabriu a janella, e o passarinho veio pousar na corôa do leito e cantou:

—Eu sou a fada protectora dos corações amantes, e de todos os que são fieis. Karina, recorda-te sempre do touro azul.

E batendo as azas, o pintarroxo voou pela janella fóra, e ninguem mais o viu até hoje.

